



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

5 de Fevereiro de 2005 • Ano LXI • N.º 1589  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 — Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Da Pobreza

CLARO que S. Francisco de Assis, hoje, não faz sombra aos prosélitos do laicismo como «alma» do mundo porque oito séculos o distanciam do nosso tempo. *Preso* na História, em penha adequada a uma grande figura de Místico e de Poeta, parece não estorvar ninguém. Mas, se a paixão pela *Dama Pobreza* que o levou a trocar na praça pública a roupa de burguês abastado pelo burel que passaria a revesti-lo e a significar o novo rumo da sua vida — essa, se revivida por outro apaixonado como ele, continua a ser incómoda para os devotos de *Mamona* em todos os tempos. É que Francisco inverteu os valores pondo os do mundo no seu lugar de instrumento; foi ao Evangelho buscar o *firme* de um alicerce autêntico; e, fundado nele, construiu para a posteridade. Ele aí está nos milhares de discípulos que o seguem em centenas de lugares espalhados por esse mundo. Esta eficácia do Evangelho, a garantia provada das suas promessas, é luz para os simples e sensíveis à bondade, luz que os defende da tentação do vil dinheiro, o qual, tomado como referência de segurança é, mas é!, a fonte de todas as perdições! Onde a confusão reinante por aí, armada pelos homens, em que o dinheiro não seja mola motivadora e motora? — ele que é a *droga-mater* de todas as drogas!

Claro que nenhum cientista de Finanças subscreveria a recomendação que Pai Américo nos deixou: «A

nossa riqueza é a nossa Pobreza». Uma tal afirmação não aparece à face da Terra subida das ciências, mas descida da Sabedoria — aquela que Pai Américo «aprendeu com realismo, comunicou sem inveja e não escondeu a riqueza que ela encerra, porque ela é para os homens um tesouro inesgotável» (Livro da Sabedoria, 7/13). É uma experiência de Deus que torna o homem capaz de exprimir em termos de vida o imenso poder que lhe dá a Fé num Deus que é Pai e é a sua Providência.

Mas não é a Pobreza, virtude ascética a praticar por monges, que assusta os inimigos de Deus. É a sua dimensão social, porquanto andando eles empenhados, desde que a História é conhecida, em erradicar a pobreza do mundo, esta é cada vez mais extensa e mais profunda, justamente porque falta a Pobreza, o remédio-chave que curará a cegueira dos homens e lhes abrirá os olhos e a inteligência e a vontade para uma distribuição justa da imensidade de bens ao seu alcance, de forma que chegue a cada homem o seu quinhão.

A Pobreza, em luminares como Francisco de Assis e Pai Américo e muitos outros — louvado seja Deus! — é um potencial que atrai e contagia outros a ultrapassar egoísmos e inércias e os mobiliza para uma decisão de combate à pobreza, que este, sim, tem de ser uma acção global para que alcance o seu fim.

Enquanto as *medidas* dos especialistas do social têm produzido um mundo de minorias expressas

Continua na página 3

## Encontros em Lisboa

# A verdade e a liberdade

NÃO sei porquê, mas encontro-me, nos últimos tempos, a sonhar que um dia viveremos a verdade e a liberdade. A vida, na sua apressada passagem, não nos deixa tempo para examinarmos profundamente o que se passa, a não ser quando nos faz doer.

Sei que a democracia vai criando as suas instituições para garantir aos cidadãos os seus direitos e para que a verdade seja apurada através da procura, do encontro e do diálogo. Sei, por exemplo, que na Assembleia da República existe uma Comissão para os direitos, liberdades e garantias dos cidadãos. Não sei bem qual o âmbito de intervenção desta Comissão, mas gostaria de a ver agir quando estão em causa os direitos mais elementares dos cidadãos e das instituições.

O que se tem passado connosco é que me leva a sonhar por um dia, dado que o actual momento é de tanta escuridão e aviltamento da verdade e dos direitos mais elementares...

Somos julgados por documentos com carácter confidencial que passou para as mãos de muita gente. Fomos julgados e condenados. Está nas mãos da imprensa e nós continuamos a nada saber do que lá se diz. Se é o que a imprensa diz, de certeza que não é de nós que se fala.

Quando se esclarecerá a verdade? Quando teremos o direito de nos defendermos? Quando é que o poder político é capaz de pôr ordem nalgum funcionalismo que funciona desta maneira? Diz-nos a história que os ditadores construíram a sua nomenclatura e essa nomenclatura nunca era julgada e responsabilizada. Também me parece que, em momentos de fraco poder político, a nomenclatura actual sem ser julgada e responsabilizada.

No que vem na imprensa, choca-me sobremaneira a forma como são tratados os nossos rapazes. Parece que eles se fossem maltratados, como se diz, não têm capacidade para se defender... Houve alguns que me disseram: «Mas eles pensam que nós somos uns 'chónés'? Assim acontece: tanto se armam em defensores do que não conhecem que acabam por aleijar fortemente quem dizem defender... Até quando?»

Padre Manuel Cristóvão

## Momentos...

# ... em África

É ao som do chilrear inocente dos miúdos de Malanje que vos escrevo estas notas.

Há muito que pensava estar com os nossos Padres em suas Casas e observar a vida de cada um, dar um pouco da minha companhia e inteirar-me, pelo menos, de alguns dos seus problemas.

Não foi a melhor altura, mas o programa estava desenhado, a viagem comprada e as circunstâncias urgiam.

A primeira Casa a receber-me foi Malanje.

Implantada no verde planalto, desfruta de um ambiente físico atraente pela verdura e pelos rasgados horizontes que proporciona.

Com duzentos rapazes, tem como pai de família o nosso poeta e santo Padre Telmo. Figura de doação assombrosa pela sua perseverança, crescente dedicação, sofrimento e peso dos anos!

Diante da mentalidade vazia e ilusória do tempo actual, esta figura de Padre é contraste flagrante exibindo uma alegria e felicidade que a maioria dos anciãos não gozam, apesar de muitos terem vivido a vida humana em cheio.

A Casa do Gaiato de Malanje acolhe treze «Batatinhas» de cinco

e seis anos! Que amor de meninos!... Como lhes beije as cabeças dando largas à ternura pessoal que sentia e procurando, em vão, aproximar o carinho maternal de que são sófregos!...

Oh, mulheres cristãs desta Igreja de Jesus! Vós que não vos comprometestes em família!... Vós que tendes capacidade para serdes mães! Abri o vosso coração a Deus e vinde dar a estas crianças o melhor que tendes e sois: — a vossa maternidade!

Deixai o mundo ilusório e iludido — rasgai o medo que vos tolhe e abri a alma a estas necessidades urgentes! O vosso coração rejubilará!... A vossa vida marcará a História e a Eternidade.

Por causa da aridez afectiva que poderia, talvez, acontecer, seria óptimo que, como manda o Mestre, viessem duas a duas!...

Deixai os vossos cursos, as vossas carreiras, os vossos ordenados, reformas e seguranças e aventurai-vos na escalada entusiasmante que pode galvanizar o coração de uma mulher cristã: — ser mãe dos que não têm mãe — pequeninos de quatro, cinco e seis anos!...

Curar-lhes as feridas, deitá-los, aconchegá-los com o vosso carinho, zelar-lhes a higiene, a roupa,

comida, a educação e, pouco a pouco, metê-los dentro de vós para os sentirdes filhos e sofrerdes com eles a vossa vida peregrina neste mundo!

Outro dia apareceram-me em Paço de Sousa duas professoras do ensino secundário a oferecerem competências para ajudarem os rapazes nos seus estudos.

É bom começar, experimentar e ver, mas é obrigação também não parar. Ir até ao fim.

Continua na página 4

## Benguela

# Centro infantil

NÃO há mãos a medir, nem paciência que não acabe. Estamos na hora de preparar o início do ano escolar.

Centenas de crianças, em todos os níveis da escola, estão directamente dependentes da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Não contamos as que fazem parte da família de dentro. A maior riqueza de Angola está nos seus filhos. Queremos dar a nossa ajuda. Quem dera nenhuma criança ficasse sem escola! Mas não é assim. As estatísticas, como é habitual, vão mostrar o muito que é preciso fazer na área da educação.

A Casa do Gaiato não é um centro escolar. Antes de mais é uma casa de família dos sem família. Se tem escola é porque vê nela um auxiliar insubstituível no serviço da educação, na fase da vida das crianças que necessita dum suporte sério para iniciar a subida aos escalões superiores. Chegam-nos sem hábitos de estudo, muitas vezes, com idades que não lhes vão

permitir frequentar o ensino regular, a partir de certa altura. São dificuldades a vencer com a instalação dos primeiros níveis escolares em nossa Casa, abrindo horizontes para voos mais altos, nas instalações do Estado.

Falo desta maneira, porque temos sido solicitados frequentemente pelos serviços oficiais de educação para a abertura de níveis escolares mais elevados. Resistimos sempre, porque não somos centro escolar, nem tão pouco queremos fazer o que o Estado tem obrigação de fazer. Ajudar, sim. Substituir, não. Queremos estar, sobretudo, onde o Estado não vai, porque não tem interesse, em áreas elevadas no respeito pela dignidade humana. Quem nos dera chegar sempre lá. E quem dera a Igreja, sem o mínimo de prejuízo para uma cooperação saudável com o Estado, desse prioridade aos espaços sociais em que o Estado não quer ou não sabe estar. A tentação de entrar em áreas, sobretudo na mira da cooperação financeira estatal, nem sempre salva o valor maior da sua autonomia e do testemunho evangélico do amor gratuito. Penso ser utópico, ao pensar desta maneira.

É encantador ver as mães e os papás, na companhia dos filhos, à busca do dinheiro para as matrículas e outros acessórios indispensáveis, para poderem

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**CONTAS 2004** — Recebemos dos Leitores d'O GAIATO 18.945 euros e 660 ditos de receita diversa.

Regularmente, visitámos 25 famílias pelas quais distribuímos 10.000 euros, mais 5.000 na doença, 7.000 na habitação, a maior parte em moradias do Património dos Pobres.

Um trabalho *duro*, mas rico do ponto de vista sobrenatural.

Para os Leitores, a nossa gratidão — em nome dos Pobres.

**PARTILHA** — Uma Leitora, de Ermesinde, 100 euros, com «*muito gosto partilho parte do fruto do meu trabalho (e com vontade de ser esta a primeira de muitas e regulares partilhas). Com a consciência de que serão destinados da melhor maneira, vocês são mestres. Votos de boa saúde, de amor e Fé num futuro mais consciencioso, mais humano, mais verdadeiro e, sobretudo, mais profundo.*»

Assinante 7769, aqui aparece muitas vezes, ora com 150 euros «*destinados aos Pobres da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, em acção de graças a Deus*». Repomos as «*cordiais saudações*».

De Coimbra, 50 euros, da assinante 76130, de Santa Clara (Coimbra), «*contribuindo assim, embora de maneira singela, mas de bom grado*».

O mesmo, da assinante 59841, do Porto, «*e Deus vos ajude*», afirma com amizade.

Cinquenta euros, de um Amigo, de Alfena.

Mais cem, da assinante 68590, de Lisboa.

Duzentos, da assinante 20174, de Coimbra, «*com os melhores cumprimentos*», que retribuimos.

Vinte e cinco euros, da assinante 12692, da Maia.

Vinte, da assinante 28986, de Santarém.

Trinta euros, do costume, pela mão de Lourdes, de Cacém, «*grãozinhos para os mais Pobres. Peça muita saúde para continuarem a nossa Obra*».

Assinante 77375, de Coimbra, presente com 25 euros: «*Ainda que os tempos e as coisas mudem de lugar, haverá sempre a esperança que o nosso tempo de crianças faça um dia a nossa estrela brilhar. envio um cheque com pequena contribuição. Para todos a minha gratidão*». Tão bem!

Sessenta euros, de uma Leitora, de Bragança.

Em nome dos Pobres, a nossa gratidão.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**VISITA DO SR. BISPO E MINISTRO** — O Sr. Bispo do Porto, D. Armindo, veio até nós, no dia 18 de Janeiro, terça-feira, receber o sr. ministro Fernando Negrão, que visitou a nossa Casa, rodeado de um batalhão de jornalistas, para nos dar palavras de confiança, depois de uma reunião de

trabalho na Biblioteca. O Sr. Bispo presidiu à Eucaristia com os Padres da Obra da Rua, na capela, e almoçou connosco.

**VIAGEM A ÁFRICA** — O nosso Padre Acílio foi a África, já há algum tempo, visitar as nossas Casas. Voltará em Fevereiro. Esperamos que lhe esteja a correr tudo bem.

**EXCURSÕES** — Têm vindo algumas excursões escolares e outras já marcaram visitas. A Escola de Louzada foi muito generosa. Muito obrigado! Pela mão do prof. Osório, chegou-nos o resultado da campanha na Escola de Alfena.

Neste assunto, é preciso ter em atenção que os rapazes durante a semana estão ocupados, na Escola, no estudo, nas oficinas e tarefas domésticas. Jogar futebol, no campo, só nas horas de recreio.

**ARRANJOS** — As oficinas de carpintaria e serralharia têm-se empenhado em arranjar as casas dos rapazes e zonas envolventes.

Rolando Polónia

**DESPORTO** — Chegou a hora de publicarmos o calendário do Campeonato de Futebol de 2005, *inter Casas do Gaiato* com residência em Portugal. Isto, porque nos é impossível, com muita pena nossa, poder contar com as nossas Casas de África.

Apesar de algumas pessoas, de *má fé*, nos últimos tempos, nos tentarem desunir e mais concretamente destruir, nós, não parámos, e tudo faremos para que a família gaiata esteja cada vez mais unida e mais forte. É inadmissível que se diga que os rapazes da Casa do Gaiato vivem enclausurados!... Sempre ouvi dizer, e é verdade, que o pior «cego» é aquele que não quer ver. Mas não vale a pena inventar! Diz o ditado, que: «*Deus onde está não dorme*». E com Pai Américo aconteceu a mesma coisa. Pai Américo não morreu, apenas mudou de lugar. Se quando ele começou a formar esta grande família que hoje somos, e com as dificuldades da altura, ele não desanimou, porque é que nos há-de abandonar agora?! Não vale a pena «senhores»... e de pouca sensibilidade, a não ser para o vosso bem-estar e do vosso *compadrio!*

Pai Américo dizia: «*Nem que seja só um!*» E graças a Deus, com excepção de um ou outro que se deixou arrastar, muitas vezes por comodismo, por quem também não estaria interessado em tomar o melhor rumo na vida, quantas centenas, por esse mundo fora prestigiam e não se cansam de proclamar bem alto o nosso bom nome? Quantas?! Se naquelas famílias de 3 ou 4 elementos, há, por vezes, quem não enverede pelo melhor caminho, porque é que na nossa de centenas de rapazes, não pode haver uma ou outra «ovelha ranhosa»?!

Nem todos somos iguais. Nem todos viemos do mesmo sítio. Nem todos somos irmãos de sangue. Mas, uma coisa é certa: todos fomos rejeitados por esses dito-cujos, que hoje, com atitudes hipócritas, pouco sensatas e nada coerentes, querem impingir ao mundo que estão com as crianças desprotegidas. Nós não somos nenhum colégio. Somos uma família! E isso é que custa aceitar a muitos tecnocratas. Nós não somos desprotegidos. Fomos!, até termos a felicidade de entrar na Casa do Gaiato. Muitos gostariam, pela necessidade que enfrentam, de cá entrar, mas estão a ser *tolhidos* por esses ditos «senho-



Na Casa do Gaiato ninguém vira costas à bola, mesmo em local impróprio!...

res», que, instalados comodamente em bons gabinetes, nada fazem em prol de quem quer que seja. Mas melhores dias virão. E a verdade há-de vir ao de cima, para *sufoco* daqueles que tentam deturpar a verdade dos factos.

Mas falemos agora do nosso campeonato. Vamos, a partir de 5 de Março, de quinze em quinze dias, realizar os respectivos jogos.

**Primeira volta:** 5/Março: Miranda - Paço de Sousa; 6/Março: Setúbal-Tojal. 19/Março: Paço de Sousa-Setúbal; 20/Março: Tojal-Miranda. 2/Abril: Tojal-Paço de Sousa; Miranda-Setúbal.

**Segunda volta:** 16/Abril: Paço de Sousa-Miranda; Tojal-Setúbal. 30/Abril: Setúbal-Paço de Sousa; Miranda-Tojal. 14/Maio: Paço de Sousa-Tojal; Setúbal-Miranda.

No dia 28 de Maio efectuar-se-á na Casa organizadora, Paço de Sousa, um jogo entre a equipa vencedora do campeonato e uma selecção, com elementos das restantes equipas. Sendo o treinador da equipa que ficar em último lugar, o seleccionador e orientador da respectiva selecção. Tudo isto, em ambiente de festa, para entrega do troféu ao campeão, ao melhor marcador, ao melhor guarda-redes e à equipa mais disciplinada. Nesse dia, também terá que ficar decidido quem é que vai organizar o evento de 2006. Contamos com a presença de todos os antigos gaiatos nas respectivas Casas, nos dias dos jogos, para apoiarem as equipas que, dentro das quatro linhas, irão tentar proporcionar um bom espectáculo de futebol, e mais uma vez demonstrar a todos aqueles que *usam óculos escuros...* e não só, que, cá em casa, tudo rola de uma maneira diferente, daquela que eles tentam vender, através da comunicação social, a todos quantos interessa a «desgraça» que não existe.

Alberto («Resende»)

## Santo Antão do Tojal

**FESTAS** — A primeira reunião já foi realizada.

Começámos com as actividades para a preparação das grandes Festas de todos os anos. Existem novas ideias, novos métodos de trabalho. Amigos e alguns antigos gaiatos com o coração sempre aberto para não se deixar morrer a raiz de um menino que nos bairros de lata viveu, e subir em cima do palco para anunciar a Boa Nova dizendo: «Nós somos os homens

de amanhã», aprendendo a ganhar o seu pão de cada dia.

Os nossos «Batatinhas», como sempre, guardam os seus trunfos para jogar na hora certa, e contando com as palmas e muitos sorrisos.

**ESCOLA** — Estamos no segundo período e parece que este não deu grandes alegrias. Uns ficaram satisfeitos com os resultados; outros, «o balde afundou-se no poço». Espera-se neste período que as alegrias venham ao cima.

**HORTA** — Este ano temos pouca hipótese de rega natural, isso porque tem chovido pouco ou quase nada, mas temos as alfaces, couves e salsa para enriquecer as nossas refeições.

## Podes sempre ser outro

*Um beijo castiço  
Faz crescer as nossas almas  
Um abraço perfeito  
alegra outros temas.*

*É na infinidade de amizade  
Que está escondido o trunfo  
Assim é no mundo de castidade  
Alcançar tudo o que é justo.*

*É no olhar que está o segredo  
É no agir que se encontra o dom  
Nesse não existe pecado  
Apenas permanece alegria e homem bom.*

*Sê tu mesmo hoje  
É nesse impulso que se esconde  
O mais puro dos tesouros.*

Abílio Pequeno

## Setúbal

**OBRAS** — Os calceteiros andam a pôr a pedra nas ruas e passeios à frente da nossa Casa. O «Drácula» e o Resende andaram a montar os candeeiros. O «Lota» e o «Monchique» fazem as caldeiras à volta das laranjeiras. O «Cowboy» andou a abrir uma vala na piscina, para montarmos os filtros para limpar a água da piscina. O senhor Paulo anda a montar a casa-

Tiragem média d'O GAIATO,  
por edição, no mês de Janeiro,  
58.400 exemplares

das-máquinas, onde vão ficar os motores e os filtros. O Garcia, a picar uma parte do fundo da piscina, para a boca que chupa a água suja.

**VACARIA** — Morreu uma vaca porque já era muito velha. Nasceram três bezerras. Correu tudo bem. Vendemos também três bezerros. O «Branquinho» adoeceu, mas foi, logo, tratado e, agora, já está bom.

**ENSAIOS** — O «Ricardinho» está a ensaiar danças com um grupo de rapazes para fazer as Festas. O David, também está a ensinar um grupo de rapazes para as partes da comédia. O «Pipas» ensaia a parte das músicas.

**DESPORTO** — Começaram a vir cá dois senhores treinar um grupo de rapazes. O objectivo é desenvolver e organizar os que puderem jogar. Todos os sábados há treino no campo. Eu e o David fomos a uma corrida de S. Silvestre, no Faralhão, e ganhámos cada um uma taça. Eu fiquei em primeiro lugar, e o David em segundo.

Horácio

## Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

Verificámos com muito agrado as opiniões favoráveis (o que não admira!) e que muitos têm apelado à solidariedade dos próprios antigos gaiatos, o que sempre temos feito de várias formas, pois não nos esquecemos de tudo o que beneficiámos, e continua a sê-lo por todos os gaiatos que se encontram nas diversas Casas, e não só.

Na semana que mediou entre o Natal e o Ano Novo, a exemplo do que se passou nas restantes Casas, por iniciativa do Clero e algumas personalidades conhecidas do País, também nós respondemos ao apelo lançado e nos juntámos às pessoas que passaram por Miranda do Corvo para se certificarem do modo de vida que ali se vive, dando ao mesmo tempo um pouco de força e solidariedade aos residentes e, sobretudo, a quantos com eles trabalham, monetariamente desinteressados. Não nos admirou a estupe-

## Pão de Vida

## Levantar

O repouso vegetativo tem sido a época propícia para recuperar as ramadas de parte da quinta do antigo mosteiro dos filhos do patriarca S. Bento.

A verdura dos campos, a água do regato e o sol a rodos são um ambiente benéfico para a educação integral de filhos sem lar que, nestes dias, nos são regateados.

A nossa sociedade já terá atingido a perfeição neste domínio fundamental para o desenvolvimento equilibrado dos Povos? A família natural deve ser o viveiro onde as crianças crescem, se for possível. Acontece que continuam a chegar-nos missivas das Comissões de Protecção de Menores...

Da porta aberta, mas não escancarada às devassas de belzebu, até aos campos novos, tem-se reparado as armações onde se desenvolvem

as videiras do genuíno verde.

Com a integração europeia, o decréscimo da mão-de-obra agrícola e a pressão imobiliária, muitas vezes de mau gosto, deixaram-se cair ou foram arrancadas, em áreas vitícolas do Entre Douro e Minho, belas latadas e enforcados que emolduravam socalcos e vessadas.

Às avessas da moda, tornou-se conveniente levantar esteios, substituir arames, arranjar bancas, prisões e afincas. Aproveitou-se, ainda, para plantar centenas de cepas novas. Deu-se, assim, alento às videiras que resistiram decênios aos ataques das doenças e do clima.

Consertar é serviço permanente. Os arames vão enferrujando e desamarram-se. Nos trabalhos agrícolas provocam-se estragos. Transgredir é acção humana comum.

Os nossos filhos, com quem vivemos 24 horas, vêm na esteira dos preferidos d'Ele. O Bruno, veio com 5 anos, porque se abrigava debaixo de camiões.

Jesus aproximou-Se todos os dias, até ao sábado, daqueles que eram atrofiados pelas enfermidades e pelo desprezo puritano. A Galileia, humilhada, levantou-se pela força do Profeta da Graça.

Pai Américo, homem forte da Igreja, não quis a sua Casa cercada por arames, porque não esperava fazer homens de rapazes domados.

Neste oitavário de unidade, a presença inestimável do nosso Bispo reforçou o cordão umbilical e ajudou a levantar esta comunidade cristã, obscura por blasfémias.

Quem viu, aqui ao lado, a luz perpétua, foi a centenária Maria Rosa.

Para que os nossos filhos cresçam e possam construir famílias duradouras, impõe-se remendar os fios quebrados e levantarmos-nos para o sonho vivo da defesa da vida dos mais frágeis.

Padre Manuel Mendes

## Benguela

Continuação da página 1

gozar o direito básico de todas as crianças. Sentimo-nos felizes por todo este trabalho, embora a paciência, muitas vezes, não fique sossegada. É uma limitação humana.

Queremos partilhar sempre convosco os grandes momentos da nossa vida. Este é um deles. Tendes direito de saber o que fazemos, porque, sem a vossa ajuda moral e material, ficávamos prostrados no chão, de braços caídos, porque sois também a nossa força. Não temos outra fonte, senão vós que nos acompanhais e nos dais vossas mãos.

Dentro em breve, assim creio e espero, será dado mais um passo ao encontro dos filhos mais pequeninos dos bairros mais próximos. São crianças que, não sendo para viver na Casa do Gaiato, pois ainda têm algum membro de família, vivem, o dia inteiro, entregues à rua,

misturados com o pó e a lama. Não têm escola nem alimentação saudável que lhes permita um desenvolvimento normal. O pai ou a mãe vai, de manhã cedo, à busca de algo para comer, com o negócio nas praças, e regressa ao fim da tarde. Queremos salvar estes filhos a quem amamos com o mesmo amor com que amas os teus. Como?

Vai abrir um centro infantil nas primeiras instalações da Casa do Gaiato. Mulheres valentes, humildes, totalmente consagradas ao serviço das crianças, queimadas pela paixão por Deus e pelos mais pequeninos, decidiram deixar a sua terra, a sua família, em Portugal, e embarcar para Angola para servir estas crianças. Quando chegarem, vamos todos cantar um hino de acção de graças! Que amor há mais fecundo e mais sublime da maternidade do que o amor duma mulher que deixa tudo o que lhe fala do sangue para se entregar gratuitamente ao serviço dos filhos que não têm conta... tantos eles são!

Esta notícia é tão linda que voltarei a falar dela na altura da chegada. Sejam bemvindas e sereis acolhidas de braços bem abertos. Não tenhais medo!

Padre Manuel António

## Uma carta

## Coração ferido de morte!

«Não tenho o dom da escrita. Quem me dera pudessem ver o que vai no meu coração. Também ele está ferido de morte por tudo o que se tem falado e escrito através dos meios de Comunicação Social. Só fala assim, só escreve assim quem tem a infelicidade de não conhecer mesmo nada do espírito da Obra da Rua, de Pai Américo.

Deus, que tudo pode, que tudo perdoo, lhes ilumine o coração e a mente para assim poderem entender e conhecer a Pérola mais Pre-

ciosa que Portugal tem em termos de Assistência e Amor aos Cristos Partidos que ninguém quer.

Se esses nossos irmãos, se despissem de todos os interesses, deixassem tudo isso à porta e mergulhassem uns dias na Obra da Rua com o coração puro, quando voltassem, para fazerem os seus trabalhos, cantaríamos a mais linda história de Amor e ficariam apaixonados para sempre. Só assim entenderiam que foi apenas por Amor que esses homens, desde Pai Américo e todos os que se lhe seguiram, assim como todos os outros colaboradores, que tendo as suas vidas organizadas e promissoras, decidiram deixar tudo:

família, namorados, bens, riquezas, bem-estar para se dedicarem totalmente aos que nada têm — e apenas por Amor.

Meus bons amigos, vós sabeis hoje mais do que ontem que os vossos nomes estão escritos no Céu. Foi prometido. Nós sabemos.

A Obra da Rua vai sair mais unida, mais forte, mais rica — porque mais sofredora. Pai Américo não vai deixar de iluminar a Menina dos seus olhos.

(...) Que Jesus encontre, como sempre, um lugar muito pertinho junto de todos vós.

Obrigada por tudo de bom que a Obra da Rua me tem dado.

Assinante 26580.

facção dos visitantes que não encontraram nada do que de mal se tem dito e muitos se interrogavam: «O que é que querem melhor?!»

Um destes dias, tive oportunidade de consultar um livro que é utilizado no Ensino Superior para Educadores de Infância, que, em determinado capítulo, diz: «A convivência na Instituição deve incluir a implicação em responsabilidades, como tarefas domésticas e manutenção da ordem...». Mais adiante, noutro parágrafo: «À medida que a criança entra na adolescência e vida adulta, torna-se prioritário trabalhar objectivos e competências de autonomia: aprender a cozinhar, cuidar da roupa, fazer compras, gestão de serviços da comunidade...».

Perante isto, que se faz nas Casas do Gaiato, não estará actualizada a

pedagogia de Pai Américo?! Ora, se os entendidos assim julgam, que capacidade terá a pessoa que elaborou o Relatório para contrariar a ciência, censurando as tarefas que os rapazes vão executando, chamando-lhes «trabalhos forçados»? Será que em sua casa, se é que tem filhos ou filhas, apenas os ensinam a jogar computador, game-boy ou play-station? Ou têm criados para tudo?! Mais tarde poderão os jovens queixar-se de que nada sabem fazer, como acontece a muitos na sua vida de adultos...

Porque razão a Obra do Padre Américo, depois de ter aberto Casas em África, que foram nacionalizadas no pós 25 de Abril, voltou a ser chamada pelos Governos e ali continua a fazer trabalho meritório, com resultados animadores?!

Mas, também por cá, em 65 anos de Obra da Rua, em que nem tudo são rosas, existem, por influência da educação recebida, quer se queira ou não, centenas de homens em diversas actividades profissionais, como engenheiros, professores de graus diferentes, enfermeiros, artistas de teatro, industriais e comerciantes, entre muitas outras e até jogadores de futebol profissionais, que não negam a sua origem.

Também nós não podíamos deixar de manifestar indignação por tudo o que se tem dito e escrito, já que a maioria são redondas mentiras, já esclarecidas, felizmente e nas quais a maioria dos portugueses não tem acreditado, apesar de muitos não conhecerem verdadeiramente a vida das Casas do Gaiato.

Devemos dizer que se houve más

## DOCTRINA



Uma carta séria

ESTA é uma carta séria, por isso mesmo a coloco aqui no seu lugar. Quem a assina honra o Instituto onde se formou. São muito mais raros e difíceis os lugares que procuram e esperam as pessoas, do que as pessoas que procuram e esperam os lugares.

«**C**ONTO ir no comboio da manhã, ou quando muito no que parte do Porto pelas duas horas da tarde. Se não der jeito que eu fique lá uns dias desta vez, combinaremos outra altura em que V. lá esteja, porque eu não tenho nada de especial a fazer por estes tempos mais chegados.

Eu sei que o trabalho aí é difícil, mas não me assusto. Não digo isto para presumir de forte. É justamente porque sei que as missões duras são melhores para os fracos do que as missões fáceis, porque têm de pôr tudo a render e ainda porque quanto mais se dá mais apetece dar. Além disso, basta um trabalho ser custoso para entusiasmar; creio que toda a gente é um pouco assim.

Quando escolhi este curso, sabia o que me esperava; quando acabei o curso, sabia mais ainda. Nenhum de nós conta com um trabalho cor de rosa, graças a Deus. Conhecemos, tão de perto quanto nos é possível aproximar, toda a espécie de miséria. E nada há que esteja mais de acordo com a nossa vocação social, do que tirar para fora desta miséria todas as riquezas enormes que lá estão escondidas. Nem é preciso pôr lá nada de novo. Eu creio que o serviço que o Senhor marca às assistentes sociais é soprar o pavio que fumega e que Ele não quer extinguir; levantar do chão e endireitar a cana meia partida, que Ele não quer esmagar. E não é fácil encontrar outra Obra como essa em que as coisas sejam assim, porque o que mais se vê, é pessoas muito empenhadas em inventar luzes artificiais e em fabricar canas fingidas, porque acham que o que está estragado só serve para deitar fora. Esta ideia sempre me afligiu, e desejo bem ir colaborar numa Obra em que tudo se aproveita muito aproveitadinho.

Eu estou certa de que este trabalho serve para mim; agora, a questão é que eu sirva para o trabalho. É isso que eu vou ver e, principalmente, o que V. verá. Por mim, queria bem acertar.»

*P. Américo*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

## Da Pobreza

Continuação da página 1

por um número cada vez mais pequeno de imensamente ricos, concomitante ao crescimento de maiorias de pobreza em progresso de degradação — os que escolheram a Pobreza como princípio de acção, vão realizando bens que a Justiça reclama de urgentes, num esforço multiplicado por muitos outros que livremente aderem e contribuem em espírito de comunhão, para que a fraternidade entre os homens não seja uma palavra vã, antes cada um se torne para o seu próximo no instrumento de que o Pai Se serve para fazer chegar a cada qual o que lhe é exigido pela dignidade da vida.

Nós somos uma Família, a rondar os mil desde este Entre Douro e Minho até Maputo, que escolheu para sua segurança a prioridade do Evangelho: o «Reino de Deus e a Sua Justiça, que o resto vem por acréscimo».

Dezenas de anos de experiência confirmam. O Povo, reserva do Senso de Deus e Seu porta-voz, entende e faz comunhão conosco, livre e apaixonada. Não nos surpreende, pois, a reacção adversa de forças ocultas, de rosto difuso. É o contraste.

Padre Carlos

intencões na investigação feita, elas caíram por terra, pois ali não se encontraram nem se encontram, casos de pedofilia e isso deve ter frustrado alguém, que bateu à porta errada. A Obra é grande, tem um jornal de grande tiragem, é sustentada pelos portugueses e isso deve fazer inveja ou

causar náuseas a alguém que em vez de passar ali uma ou duas horas, devia fazer nela um estágio de semanas. Assim, via e aprendia...

Esta é pois a nossa revolta perante as atoardas lançadas, cujo tiro safu pela culatra...

Manuel Machado

## Setúbal

## Um grupo de senhoras

A nossa vida é feita da contribuição de muitas vidas, gente que faz correr a sua boa vontade e esforço em favor dos rapazes — e dos Pobres que servimos.

Um grupo de senhoras, que há muitos anos vem estar connosco, um dia por semana no arranjo e arrumo das roupas dos rapazes, quis manifestar, por escrito, o sentimento que as invade com toda a polémica que outros quisessem levantar à nossa volta. Foram estas as suas palavras:

«Amigos: Padres e Senhoras da Obra da Rua! Somos um grupo de mulheres que ao longo de muitos anos temos vindo, semanalmente e voluntariamente, ajudar no arranjo da roupa dos rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal. Queremos nesta hora difícil continuar do vosso lado e repudiar, com todas as nossas forças, as acusações horríveis que a comunicação social divulgou através dos noticiários dos canais das TV's.

*Entre muitas acusações, há a dos rapazes passarem fome! Como era possível criar rapazes tão corpulentos e saudáveis, se passassem fome como dizem?! Outra, é a de comerem em pratos de alumínio... Quanto é que a Segurança Social já deu para comprar pratos de porcelana para os meninos comerem neles as fracas refeições que dizem terem?!*

*Quem já, dos que acusam a Casa do Gaiato de tratar mal os rapazes e de lhes dar fome, comeu com eles à mesa nos pratos de alumínio? Nós já comemos muitas vezes da fatura desse comer que é servido nesses pratos de alumínio e sentimo-nos felizes, por isso e com isso.*

*A Casa do Gaiato foi acusada de mandar meninos lavar louça, varrer o quintal, apanhar folhas! Quem dos que acusam, se foram criados numa família normal, não o fizeram quando eram pequenos? Nós fizemo-lo muitas vezes e não é por isso que nos deixamos*

*de considerar mulheres a cem por cento!*

*Quem, dos que acusam, já acolheu em sua casa um menino desprezado? Quando os fariseus, raça de víboras, se sentiam incomodados com o que Jesus dizia e fazia, murmuravam, diziam mal.*

*O dizer mal vai tirando a cor àquilo que era uma coisa boa, vai-se tornando numa teia...*

*Queridos Padres e Senhoras, aceitem, pois, a nossa amizade nestas horas sem cor que os zelosos do nosso País se encarregam de fazer.»*

Como nota direi que, embora caros, os pratos de inox que usamos, são os únicos capazes de ir resistindo à vida dos rapazes. Os de porcelana, como nos diz o bom senso, só os podemos usar em dias de festa. É esta mesma vida dos rapazes que nos faz ter sempre notas altas a Educação Física, um bom sintoma da sua saúde.

Padre Júlio

## PENSAMENTO

A propósito de um gaiato que sofreu uma humilhação por parte dos colegas, por ter sido injusto, diz: «Aprendeu à sua custa 'o fazer aos outros aquilo que gostarias que te fizessem a ti'. Que vem a ser a máxima suprema do Evangelho pela sua simplicidade».

«A Caridade faz milagres».

PAI AMÉRICO

## Tribuna de Coimbra

## Cartas

AQUELAS cartas que eu guardei no *dossier* do rapaz, faziam parte do seu «álbum» de recordações. As lágrimas brotavam como nascentes nos olhos do moço, empapando o papel e a tinta. Eram as cartas da sua mãe, carregadas de ternura e de saudade. Envolvido, não resisti e perguntei se queria que as guardasse. A memória dos miúdos é um compacto de vivências fortes e afectivas que só o tempo consegue desdobrar... Por isso, guardei-as religiosamente, como relíquia. No *dossier* de cada um guardo coisas insignificantes tais como um simples cartão escolar, uma composição, um desenho ou uma foto... Insignificantes — digo — quem sabe um dia algumas delas tenha o valor de um

tesouro?! O que sente o coração ninguém o sabe, de verdade.

Tais cartas foram escritas em momentos de grande dor, já a doença espreitava à porta. Depois, veio o sofrimento e a separação definitiva. Adquiriram muito mais significado. Era urgente guardá-las e protegê-las. Elas tornaram-se um suplemento de alma.

Na maré da auditoria, em que os processos dos rapazes foram requisitados e facultados sem qualquer resistência ou desconfiança — pois quem não deve não teme — lá iam também estes pequenos «tesouros», ali guardados. No entanto, alguém, espreitando a «caça», de forma premeditada apontou certo: «O 'fulano' escondeu as cartas e não as entregou...» Não teria valido mais encurtar distâncias ou pedir explicações? Os papéis valem o que valem, mas o que neles se escreve, quando se trata de vidas sofridas, tem sabor a sangue e dor. Requerer-se-ia mais pudor, mais amor, mais competência e menos «cartola».

Padre João

Esta responsabilidade há muito nos faz deixar de lado outros intentos. Há dois anos que iniciámos obras de restauro e pararam. A Casa-mãe precisa de reforço na estrutura e telhado novo. O mesmo com o salão de festas onde a estrutura cedeu, por mal calculada na África do Sul e a água da chuva, por pouca que seja, entra e já prejudicou palco e cadeiras. O campo de futebol todos os anos leva uma acheça de terras, mas está longe de se poder usar.

Também precisamos de fazer uma reconversão na exploração

agrícola, como trocar o rebanho leiteiro pela máquina de fazer leite de soja e respectiva cultura: eliminar todas as que dependem exclusivamente da chuva. Que pena tenho deste Povo que vive da fome! É uma heresia dizer isto, quando o Povo não tem outro recurso nem alternativa. Quando leio que a meta da ONU é reduzir com vacinas e outros paliativos a mortalidade infantil até aos cinco anos, fico a pensar que as cimeiras são todas atrozmente ingénuas...

Padre José Maria

## Moçambique

## Experiência nossa e dos próprios

ESTE ano, para experiência nossa e dos próprios, fizemos questão que todos aqueles que têm algum parente, irmão mais velho, tio ou avô fossem passar as Festas em suas casas. Isto, por um lado, para que os familiares os reconheçam como tais. E se, ao conhecê-los, quisessem ficar com eles, é ótimo que os assumam; por outro lado, para nós mesmos ficarmos inteirados de quem são e como vivem e poderemos avaliar da segurança que possam dar-lhes ao completar a décima classe em nossa Escola. Foram quase metade, durante o mês de Dezembro.

O Chefe da Casa, Vasco Tembe, foi pela segunda vez à procura da mãe. O ano passado desistiu no caminho porque, ao chegar a Catembe, soube que a terra ficava a mais de quarenta quilómetros e teria de ir a pé, por não haver outro meio. E Catembe fica logo do outro lado da Baía de Maputo. Neste ano, como soube haver «chapa» uma vez por semana, sempre foi, com o coração a bater de esperança, mas não a encontrou. Só uma tia. A mãe ninguém sabe dela, parece estar na África do Sul. E desanimando voltou a pé, com a frustração de não a conhecer e a amargura de não se lhe poder declarar como filho. O Vasco tem vinte e dois anos, é alérgico a muita coisa que o impediu de uma formação técnica. Está matriculado agora em Economia e Gestão. Que pode passar-se no coração e na mente de um jovem que está prestes a assumir o seu futuro sozinho, sem ter conhecido pai ou mãe? Que validade tem para ele, como para tantos outros a Casa do Gaiato?

Os outros também já chegaram todos, acompanhados por quem lhes deu acolhimento e vem manifestar a sua gratidão por estarem aqui e a impossibilidade de os terem consigo. De alguns não conseguimos saber como subsistem, pois dizem-nos que não trabalham. É de pensar tudo. Às vezes basta olhar para perceber que vida será, pelas marcas profundas que têm no rosto. Outras, se é uma irmã mais velha, é fácil concluir.

Para eles foi também uma ocasião necessária de estabelecerem uma comparação entre o que desfrutam aqui e o que os seus familiares lhes poderão dar, se um dia

forem para junto deles, por não termos em Casa mais condições para continuarem os estudos, ou porque a Escola que vão frequentar não tem internato, porque só metade dos que estão a estudar fora têm essa sorte.

Problema difícil para nós é pagar todas as despesas ligadas ao estudo. Além do encargo mensal de salários para quarenta por cento dos professores, quer da Escola da Casa, quer do Curso nocturno da Massaca, os nossos rapazes que estudam fora, consoante os Cursos são ou não em regime de internato, têm custos de cem a trezentos dólares por mês. E eles já passam de quarenta.

## Momentos

Continuação da página 1

Quem dera que estas raparigas já bem adultas e mutuamente amigas se animassem num projecto destes!

A Casa do Gaiato de Malanje tem tanta necessidade do toque feminino!

\*\*\*

A cidade fica a dez quilómetros da nossa Casa.

A ligação faz-se pela via terrestre Luanda-Malanje. Uma enorme ruína daquilo que foi, noutros tempos, uma estrada.

Quando, há dias, regressava a Casa, encontrei um homem sentado, a tomar banho numa cova desta via!

A cidade é só buracos. O lixo acumula-se em montanhas nauseabundas ao longo das ruas e avenidas! Os edifícios que ficaram a começar, a meio, ou a terminar nos anos 70, assim continuam, oferecendo um aspecto horrível de desmazelo e incapacidade!

As marcas visíveis da guerra continuam expostas, como se o flagelo terminasse ontem e constituíssem já um aspecto normal do quotidiano!

A actividade comercial ocupa toda a gente: — Em bancas, no chão, à beira dos caminhos, da estrada, na enorme, nojenta e desordenada feira

diária, as pessoas passam o tempo a sonhar com o negócio e à espera do cliente que raramente chega.

Onde se pode observar a ferocidade e insensatez da guerra é no Quéssua, povoação vizinha de Malanje: Tudo completamente destruído! Nalgumas casas até as pedras dos alicerces desapareceram.

Aqui, os angolanos continuam a construir as suas casas como as aves fazem os ninhos: — sempre da mesma maneira e com as matérias naturais que encontram e exigem menos esforço.

A polícia abunda exageradamente por toda a parte!

É neste ambiente sociológico que se encontra a nossa Casa.

Sem telefone, sem energia pública, sem mestre das oficinas e longe de tudo, a vida continua muito difícil e a pobreza à nossa volta sufocante!

O solo da nossa propriedade é rico e extenso. No meio dela passa um pequeno rio que dá para irrigar uma boa parte. Precisamos de comprar uma máquina de lagartas, equipada com uma charrua funda e poderosa pá que destrua as trincheiras que a guerra cavou e arrase os montes que a formiga Salalé ergueu, no pleno à-vontade que o abandono forçado do homem permitiu. Precisamos de arrancar à úbere natureza, quanto antes, ao menos, a abundância e variedade de alimentos que os rapazes comem e os pobres solicitam!

Aumentar e subir a represa do rio que a referida máquina executará, é também uma exigência inadiável!

Vale mais que estarmos a enviar alimentos de Portugal. É mais barato, mais educativo e mais racional.

O Padre Telmo conta connosco. Não esqueças!

Padre Acílio